

# Manifesto decolonial

Wilton Garcia

Artista visual  
Pesquisador Fapesp  
Professor da Fatec Itaquaquetuba  
Doutor em Comunicação pela USP  
Pós-doutor em Multimeios pela Unicamp  
wiltongarcia.com.br  
E-mail: 88wgarcia@gmail.com

Recebido: 04 jan 2025

Aprovado: 25 abr 2025

**Resumo:** Este ensaio como Manifesto aborda algumas questões reflexivas, críticas e conceituais sobre o decolonial no campo contemporâneo da comunicação e da cultura. A escrita provoca uma discussão a respeito da diversidade cultural na América Latina, ao questionar a estrutura de poder, controle e dominação atualmente. Verifica-se uma abordagem qualitativa. Como resultado, há um esforço que força a mudança necessária e radical, ao valorizar o local.

**Palavras-chave:** Manifesto. Decolonial. Comunicação. Contemporâneo. América Latina.

**Abstract:** This essay as a Manifesto addresses some reflective, critical and conceptual questions about the decolonial in the contemporary field of communication and culture. The writing provokes a discussion about cultural diversity in Latin America, by questioning the current structure of power, control and domination. A qualitative approach is used. As a result, there is an effort to force necessary and radical change by valuing the place.

**Keywords:** Manifesto. Decolonial. Communication. Contemporary. Latin America.

**Resumen:** Este ensayo a modo de Manifiesto aborda algunas cuestiones reflexivas, críticas y conceptuales sobre lo decolonial en el campo contemporáneo de la comunicación y la cultura. El escrito provoca una discusión sobre la diversidad cultural en América Latina, al cuestionar la estructura actual de poder, control y dominación. Se adopta un enfoque cualitativo. Como resultado, existe un esfuerzo por forzar un cambio necesario y radical, valorando el lugar.

**Palabras clave:** Manifiesto. Decolonial. Comunicación. Contemporáneo. América Latina.

*Não há futuro sem passado.  
Sem passado, só há presente.*  
Silva (2024, p. 11)

Para além das evidências recorrentes da região Norte como suposto território de poder, a diversidade cultural, decolonial, do Sul Global ultrapassa a convencionalidade do sistema capitalista. A colonialidade do poder solicita controle e dominação do capital com o uso neoliberal tecnológico. A lógica contemporânea da globalização junta tudo para deslocar os enunciados e invalidar às novidades que surgem no local. Seria destacar o espaço periférico desdobrado na divergente do centro, pois sem condições consegue superar com criatividade. Isso renova a experiência humana, sobretudo no cotidiano.

O/a Outro/a, em sua Alteridade, expande as possibilidades infinitas da representação social localmente, cujo desafio estratégico seria promover o diálogo na complexidade dinâmica das variantes expressas pela diversidade. Se o *diversus* se multiplica, se pluraliza e aborda qualquer território para além de uma versão comum, comunitária, o decolonial radicaliza os sentidos e inaugura o efeito na expectativa de ampliar a potência de ser/estar do sujeito contemporâneo.

No entanto, urge um estado intermediário de notas suspensas que se (des)temporalizam entre passado, presente e/ou futuro. Aqui o tempo se desfaz, se desmaterializa como tecido fino de sua condição adaptativa. Longe de qualquer utopia que ultrapasse o bom senso e descaracterize as noções de existência, realidade e/ou verdade, pode-se (re)dimensionar uma nova perspectiva sensível à vida humana, a qual se efetiva o lugar como contexto entre espaço-tempo. Há uma necessidade humana vital para que os referentes, de fato, sobressaltem a condição humana.

Evidente que o fracasso do processo colonial está na cicatriz robusta como marca violenta que deixa ferida entreaberta da exploração humana. E isso não é uma metáfora, mas uma verdade/realidade cruel. Longe de qualquer ideia exploradora e opressiva do capitalismo contemporâneo, a desumanização do período histórico colonial ecoa, ainda, nos dias de hoje. Por isso, o colonialismo deve ser evitado e combatido a todo custo – para além do ponto conservador, tradicional, ultrapassado, ultrajante.

A lógica colonial produziu um conjunto expressivo de respostas teórico-conceitual: Neocolonial, Pós-colonial, Descolonial, Decolonial, Transcolonial, Contracolonial. O ultrapassado sistema hegemônico – branco, masculino, heterossexista, eurocêntrico – e, portanto, colonial já não acompanha as adversidades de deslocamentos criativos, flexivos e plurais em prol da vida humana.

Um possível jogo relacional investiga as diversas caracterizações antropofágicas de devorar o/a outro/a, metaforicamente de forma canibal, cujos impulsos humanos (re)inscrevem-se para além de uma utopia – ocupação paradoxal de um não lugar (inexistente). Quem sabe, não se trata diretamente de impedir as recorrências humanas no cotidiano, mas observar os impulsos frenéticos que estabelecem a condição de sujeito no mundo.

Entre cultura e representação (e vice-versa), a linguagem se destaca recorrente no cotidiano. Assim, a ideia de decolonialidade manifesta-se em uma proposta inter/multi/transdisciplinar no contexto deste estudo da comunicação e cultura contemporânea, porque se fortalece no diálogo com outras áreas do conhecimento. A diversidade cultural da América Latina (re)equaciona o viver em sociedade, cujos encargos cobram de si a radicalidade decolonial. Radicalizar significa tomar uma decisão incomum, diferente da norma padrão, a favor de uma posição outra capaz de evidenciar a pessoa humana.

Dessa maneira, o decolonial postula outros pontos de vista que contemplam a margem (a periferia, a exclusão) como alternativa de sobrevivência. E, com isso, o conceito decolonial pretende desafiar radicalmente as estruturas de poder estabelecidas pelo sistema capitalista neoliberal tecnológico, àquelas baseadas em relações de dominação e opressão. Isso requer a divisão igualitária sobre certos impactos ambientais e sustentáveis de consumo, por exemplo. Como desfecho, torna-se necessária uma reformulação substancial no engajamento da abordagem decolonial que dispensa as amarrações e os interesses do sistema hegemônico.

Esse posicionamento epistemológico acerca do decolonial e do campo contemporâneo da comunicação (entre o que se produz, se dissemina e circula) e da cultura, ao valorizar a produção de informação, especialmente quando se recorta o território geopolítico da diversidade cultural da América Latina. Em prol do acesso à informação, em um ato inclusivo, a emergência abrupta no decolonial, como estratégias discursivas (fenomenológicas e/ou epistemológicas), acelera as decisões, enriquecendo o cenário contemporâneo.

Ou seja, o problema que atravessa o campo contemporâneo da comunicação e da cultura está na confirmação da colonialidade do poder e da dominação do sistema hegemônico. Vale discutir a ideia de (re)direcionar a vida, a partir de outros pressupostos como o decolonial. A comunicação decolonial abre espaço para pluralidade de vozes, que acatem mudanças a favor da vida.

## Manifesto decolonial

Evidente que não se despreza a interface da comunicação com outros campos de saber, uma vez que as pesquisas já realizadas são base para enfrentar essa suposta novidade radical do momento epistemológico contemporâneo, cujo decolonial se faz emergir, ao renovar o lugar comum. Entre a manifestação dessa voz e sua escuta desdobram-se questões complexas de disputa e controle de poder para reconhecer e legitimar as pessoas.

Tal intervenção significa tentar localizar a equidade sociocultural para a sociedade. Agenciar/negociar uma comunicação contemporânea seria utilizar a diversidade cultural para despertar a flexibilidade criativa e estender o pensamento e a prática comunicacional. Seria valorizar essa perspectiva decolonial no campo contemporâneo da comunicação e da cultura, em busca de soluções alternativas que gerem maior aderência aos anseios da sociedade.

Assim, observar o mundo de maneira diferente – a partir do Sul Global – (re)equaciona maneiras mais coerentes com a realidade. Ou seja, refletir a respeito da comunicação contemporânea seria ampliar as produções de conhecimento, subjetividade e informação, em que o Manifesto decolonial não resolve, nem resolverá, o problema da sociedade. Mas, pode sim abrir caminho para a reflexão, a crítica e o diálogo entre as partes envolvidas.

O decolonial nos estudos contemporâneos da comunicação e da cultura torna-se, cada vez mais popular, nos últimos anos. Sua relevância vem sendo discutida em revistas, dossiês temáticos e eventos acadêmicos e científicos das diversas áreas de conhecimento, impactando nas pesquisas realizadas no campo de humanas e sociais.

Portanto, o decolonial não deve ser vista/lida como uma luta ativista-militante e/ou oposição política-identitária sistêmica à hegemonia, nem um ato de denúncia exclusivo contra o sistema opressor. Assim, a noção de decolonial propõe elaborar alternativas criativas, flexíveis e plurais, ao mesmo tempo, criteriosas com seu rigor, que busquem outras/novas possibilidades enunciativas que não apaguem ou anulem o/a outro/a.

A perspectiva decolonial questiona, corrige, renova e amplia as produções de conhecimento, subjetividade e informação. Examina-se uma proposição mais coerente com a realidade, capaz de atingir nossa sociedade, de fato. Ou seja, o decolonial pode influenciar a comunicação e a cultura para melhorar a qualidade do seu potencial performativo das pessoas. Isso não invalida o já proposto no campo contemporâneo da comunicação e da cultura, mas requer revisão sobre as diretrizes acadêmica, científica, intelectual, ideológica, identitária, política, mercadológica, profissional, tecnológica.

Enfatiza-se: o ataque ao cânone da comunicação não desconsidera o eixo teórico-metodológico-conceitual das práticas e dos estudos já estabelecidos. Mas, solicita imediata revisão dos pares – com alternativa não-convencional – para alavancar as atualizações a respeito dos processos comunicacionais, informacionais, midiáticos e tecnológicos. Antes, porém, torna-se essencial procurar outras/novas estratégias dinâmicas (fenomenológicas e/ou epistemológicas) de pesquisas contemporâneas como alternativas estratégicas das ciências humanas e sociais aplicadas.

Porquê pesquisar o processo decolonial. Torna-se fundamental extirpar as ultrapassadas estruturas de poder na sociedade contemporânea, em razão das injustiças que ferem a dignidade humana entre batalhas, combates e guerras, mas também diluído no viver cotidiano. Por vezes, os enfrentamentos vivenciados pela pessoa humana contra as desigualdades são fatores cruciais que impactam os estudos contemporâneos da comunicação e da cultura para tentar dirimir as diferenças. Para além do lugar comum, eis o decolonial a tentar desbravar os eixos da sociedade contemporânea.

Ainda hoje se percebe as atrocidades nesse tipo de exploração no Brasil, na América Latina e no mundo. Uma exploração ineficiente e perigosa porque impede o desenvolvimento humano, com a agressividade incompatível com o viver livre da democracia. Fora o escopo explorador e opressivo do capitalismo contemporâneo, a desumanização do período histórico colonial continua ecoando, sobretudo com as tecnologias emergentes e a cultura digital – entre a internet, as redes sociais, o telefone celular, a inteligência artificial generativa, o algoritmo, entre outros.

\* \* \*

Como resultado, há um esforço intelectual para desenvolver essa escrita como manifesto político-identitário em defesa de uma abordagem decolonial, a qual pretende provocar radicalmente o cânone para ampliar o olhar sobre os estudos contemporâneos da comunicação e da cultura. Esse esforço força a mudança necessária e radical.

Estrategicamente, um Manifesto Decolonial pauta mediações emergentes de processos comunicacionais, informacionais, midiáticos e tecnológicos, ao gerar argumentos crítico-reflexiva sobre a sociedade contemporânea. O que ultrapassem as variantes de um pensamento propositivo – a favor das adversidades que assolam a América Latina – por uma comunicação decolonial.

### **Agradecimento**

Este texto faz parte da pesquisa *Comunicação, educação e tecnologia: estudos contemporâneos* [2023-2025 – Processo 2022/14102-9], apoiada pela Fundação do Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – Fapesp.

### **Referência**

SILVA, F. P. da. **Em busca da comunidade**: caminhos do pensamento crítico no sul global. São Paulo: Elefante, 2024.